



A VOZ DO AUTOR COMO *AUCTORITAS*: A INSERÇÃO DA CIDADE NO IMPÉRIO

Viviane Azevedo de Jesus¹

Resumo: Este artigo sumariza algumas relações entre *auctoritas*, autoria e império nos *Contos da Cantuária* de Chaucer. Ainda que as referências sejam pontuais, de forma sintética, é possível admitir que a memória individual e coletiva nesta obra está simultaneamente relacionada com a oposição ao outro e a visão dos cidadãos. A noção de império, por sua vez, está presente tanto no direito de comandar quanto no aumento territorial; além dessas possibilidades, há um sentido maior, a saber, de Império cristão, com a menção de vários personagens da esfera imperial que, por suas virtudes religiosas, teriam se destacado.

Palavras-chave: Império, *Auctoritas*, Chaucer

Abstract: This article summarizes some of the relations between *auctoritas*, authorship and empire in Chaucer's *Canterbury Tales*. In short, despite the scarce references, it is possible to admit that the individual and collective memory in the studied work is simultaneously related to the opposition of the other and the townsfolk point of view. The notion of empire, on the other hand, is seen both in the right to rule and in the territorial expansion; besides these possibilities, there is a larger sense of a Christian Empire, with many imperial characters being mentioned, whom by their religious virtues might have set themselves apart.

Keywords: Empire, *Auctoritas*, Chaucer

¹ Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense e pesquisadora do Scriptorium – Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos.

Poucas são as ocorrências do conceito de Império em *The Canterbury Tales*. Quando estas surgem, aparecem vinculadas à figura de um imperador, como Nero e Júlio César, cujas tragédias são narradas no Conto do Monge, e o imperador de Roma, cuja filha passa por diversas agruras no Conto do Magistrado. Segundo J. S. Richardson, o conceito romano de Império encontraria duas vertentes: primeiramente, referiria-se ao “the right of command within the Roman state”, sendo, a partir já da segunda metade do século I D.C., associado também a “an increasingly concrete, territorial sense” (RICHARDSON, 1991: 1). À primeira vista, poderia se pensar que apenas o primeiro sentido de Império apontado pelo autor estivesse presente na narrativa de Chaucer, no entanto, ao observarmos o texto mais atentamente podemos desdobrar uma noção mais ampla do termo.

Concentrar-nos-emos no *Conto do Magistrado* para esta breve análise da noção de Império em Chaucer². Embora não haja qualquer menção ao termo “Empire”, encontramos em diversos trechos do Conto a palavra “Emperour”.

Oure Emperour of Rome – God hym see! –
 A doghter hath that, syn the world bigan,
 To rekene al wel hir godnesse as beautee,
 Nas nevere swich another as is shee.
 I prey to God in honour of hir susteene,
 And wolde she were of al Europe the queene (CHAUCER, 1988: 72-73)³.

O conto é desenvolvido em torno da história de Constância, filha do Imperador, cuja beleza e bondade deveriam lhe garantir reinar por toda Europa. A história baseia-se na versão da crônica do frei dominicano Nicholas Trevet, recebendo adições por parte de Chaucer. Acredita-se que a bela e virtuosa Constância faça referência à filha do Imperador Bizantino Tiberius Constatinus e esposa de seu sucessor, Mauricius Flavius Tiberius, que na narrativa aparece como seu filho. No entanto, não nos concentraremos aqui nos paralelos entre as figuras históricas e as personagens, mas na construção do discurso de Chaucer.

² O texto original segue CHAUCER, 2008; As traduções, CHAUCER, 1988 [Nota do E.].

³ “Nosso Imperador de Roma, - Deus o guarde! – tem uma filha que, pela sua formosura e sua bondade, não encontra rival no mundo. Pedimos a Deus que proteja a sua honra, e que um dia ela possa ser a rainha de toda a Europa.”.

A narrativa sobre os sofrimentos e as virtudes de Constância é construída como um romance cristão, aproximando-se por diversas vezes do modelo das vidas de santos. Mais que uma figura da realeza, Constância é apresentada como um exemplo de vida cristã e torna-se um símbolo da expansão da fé. Seu primeiro desafio se apresenta quando o Imperador, *of his grete noblesse*, concede sua mão ao Sultão da Síria, que toma conhecimento da donzela por meio de mercadores sírios que visitaram Roma. Tão grande é o encantamento do Sultão pelas reconhecidas virtudes da jovem que ele se propõe a abandonar os preceitos ensinados por Maomé: “And he answered, ‘Rather than I lese/ Custance, I wol be cristened, doutelees.’” (CHAUCER, 1988: 73)⁴. Entretanto, a mãe do Sultão tem outros planos e decide matar o Sultão, seus seguidores e todos os cristãos que acompanharem Constância. Ela assim o faz e deixa Constância à deriva em uma pequena embarcação.

Por anos velejaria a filha do Imperador, sempre protegida por Deus, até que sua embarcação alcançasse a Nortúmbria, onde foi acolhida pelos guardiões do castelo do Rei Aella. Também aí Constância encontra sofrimentos, assim como conduz pagãos à conversão, a começar por aqueles que a acolheram. “And so ferforth she gan oure lay declare/ That she the constable, er that it was eve/ Converteth, and on Crist made hym bileve.” (CHAUCER, 1988: 79)⁵.

Entre os convertidos estava o próprio Rei, com quem Constância se casa e tem um filho. Contudo, a mãe do Rei não aceita a escolha do filho e aproveita sua ausência para preparar uma armadilha para Constância, que é novamente deixada à deriva, agora com um filho em seus braços, e novamente tem que contar com a ajuda divina, recorrendo à Virgem. Em ambos os casos, assim como o paganismo, na figura das mães do Sultão e do Rei, inspiram a maldade, Constância, com suas virtudes e devoção, inspira a conversão. Ela é um sinal da fé cristã que alcança outros reinos.

Diversas são as dificuldades impostas à Constância, que sempre as supera com a ajuda da graça divina, antes que ela consiga, em Roma, reencontrar seu marido e, por fim, seu pai, o Imperador. Seu filho Maurício, então, é sagrado Imperador após a morte do avô. “This child Maurice was sithen Emperour/ Maad by the Pope, and lyved

4 “Disse então o soberano: ‘Para não perder Constância, prefiro ser batizado’.

5 “E tão clara foi ela ao expor sua fé que, antes do anoitecer, já havia convertido o condestável à religião de Jesus.”

cristenly;/ To Cristes chirche he dide greet honour.” (CHAUCER, 1988: 86)⁶. Maurício torna-se um exemplo de imperador ao servir à igreja de Cristo, assim como sua mãe fora o modelo cristão por excelência.

Ao longo do Conto, o Império e seus representantes aparecem sempre associados à fé cristã, à sua defesa e difusão. O poder imperial é concedido por Deus, por meio do Papa, e a principal missão imperial é defender a Igreja. O Império é, acima de tudo, o Império de Cristo e este engloba toda a Cristandade. De modo semelhante, ao inserir na narrativa da peregrinação representantes da vida cidadina, Chaucer inscreve a cidade nesse Império de Cristo.

A influência do pensamento cristão na sociedade medieval inglesa encontra-se refletido, de forma abrangente, na literatura do período. À época de Chaucer, as narrativas bíblicas eram conhecidas tanto pelos letrados, que podiam acessar os manuscritos, quanto pelos iletrados, que tinham acesso aos sermões, às pregações e às peças de cunho religioso. A educação formal, em geral, começava e terminava com a Bíblia em latim. Os meninos eram alfabetizados lendo os Salmos, e era exigido dos alunos universitários que debatessem os temas bíblicos para que pudessem se formar (EDDEN, 2005). Além disso, as ilustrações de temas bíblicos multiplicavam-se nas paredes, nos murais, nos vitrais e nas esculturas das igrejas.

Como um autor de seu tempo, ainda que se tenha de pensar nas especificidades do termo para o período medieval, Chaucer não poderia fugir de tais influências. Para Genet, a noção medieval de autoria gira em torno dos conceitos de criação e autoridade; como no caso bíblico, não está em jogo quem escreveu cada livro, mas a autoridade que os inspirou, Deus. Embora, à época de Chaucer, a identificação da autoria já estivesse de certa forma presente, esta não implicava em uma escritura de todo original, tratando-se as obras muitas vezes de adaptações de textos latinos existentes, de histórias recorrentes na tradição oral, etc. A obra, por sua vez, é apenas uma possibilidade de realização de um tipo de texto.

A fim de validar os textos, era necessário lançar mão dos temas e textos bíblicos e clássicos, de autoridades já consagradas. Entre os temas e figuras bíblicas retomados em *The Canterbury Tales* estão o dilúvio, o pecado de Adão e Eva, Salomão e o Apóstolo Paulo. Embora a justificação pela autoridade bíblica fosse a mais eficaz, a

⁶ “O menino Maurício foi, mais tarde, sagrado Imperador pelo Papa, vivendo sempre cristãmente e honrando a santa Igreja...”.

autoridade dos autores clássicos, assim como de outros textos já aceitos, demonstrava-se também eficiente. Chaucer não apenas faz referência aos clássicos, como Platão e Sêneca, mas retoma algumas de suas narrativas como o mito do corvo, narrado no *Metamorphoses* de Ovídio, que é readaptado no Conto do Provedor.

Nesse movimento, Chaucer reúne nos mesmos contos referências vindas de origens distintas. Desse modo, Paulo, um ícone da Igreja, aparece ao lado de Platão, um filósofo do mundo pagão, passando ambos a servir a moral da lógica cristã. Ao relacionar seus textos às grandes autoridades, Chaucer procura validar as versões das histórias que escolhe narrar, não reduzindo seus textos à reprodução dos grandes poetas. O autor opta por adições e omissões, diverge de certas posições dos autores e transforma as narrativas. Chaucer procura, de certo modo, estabelecer-se como *auctoritas*, assim como legitimar sua obra e os temas que propõe, entre eles a cidade.

Muito se argumentou que Londres, como uma cidade, não está presente no discurso de Geoffrey Chaucer, pois não é possível recuperar uma unidade que a represente. Para estes, Chaucer, assim como seus contemporâneos, apenas remeteria a Londres indiretamente através de um discurso fragmentado e descontínuo, logo, a cidade estaria ausente (WALLACE, 1992). No entanto, não consideramos tal proposição apropriada, uma vez que percebemos a diversidade como a peça chave do discurso sobre a cidade.

A cidade medieval é caracterizada pela multiplicidade de atividades, ofícios e funções presentes em sua composição, além de uma diversidade de indivíduos que convivem no tempo e no espaço urbano, o que não seria diferente no caso da principal cidade insular. Ainda que se tenha em mente a noção do corpo social representado pela cidade, não se deve ignorar as diferenças entre as partes, os grupos, que o constituem. Desse modo, observar o discurso sobre Londres implica em estar atento à diversidade que a compõe.

Na narrativa aqui em foco, identificamos, em primeiro plano, uma associação cristã, um grupo de peregrinos que se reúne em torno de um mesmo objetivo, visitar o túmulo do Santo Thomas Becket. Contudo, embora formem uma *compaignye*, os peregrinos não são uma comunidade uniforme. Como aponta Swanson, este é um encontro ocasional e de curta duração, com um sentido utilitário, de modo que componham uma comunidade ainda superficial (SWANSON, 2001: 404). Os peregrinos

encontrados pertencem a grupos dos mais diversos, representados em grande parte por ofícios presentes no ambiente citadino, como o Mercador, o Médico, o Cozinheiro e os *guildsmen*.

Londres apresenta uma diversidade de ofícios, que ganham importância na medida em que a cidade se destaca no Ocidente medieval, diversidade essa que se deixa ver em *The Canterbury Tales*. Ao escrever para os homens de seu tempo, Chaucer utilizou-se de referências contemporâneas, em especial, das referências presentes no cotidiano da cidade. A narrativa deixa entrever a composição do corpo social que dá vida à cidade. Cada membro deste corpo ocupa sua função e se reconhece através desta. Da mesma forma, ainda que haja oposições entre esses membros, sabe-se que todos são necessários para o funcionamento desse corpo que é a cidade.

A cidade é construída pela prática social, uma vez que são as relações sociais que se desdobram em seu interior que a definem. No entanto, essas relações só são percebidas através de suas representações, as imagens criadas para estas relações, ou seja, a representação do corpo social. É através dessa, então, que se cria uma imagem da cidade. Assim, a cidade é por excelência um lugar de representações. E é também ela representada.

But God forbede that we stynte heere;
And therfore, if ye vouche-sauf to heere
A tale of me, that am a povre man,
I wol yow telle, as wel as evere I kan,
A litel jape that fil in oure citee (CHAUCER, 1988, p.68)⁷.

É desse modo que o Cozinheiro pede a palavra para narrar uma história sobre *oure citee* (nossa cidade), ou seja, Londres. Ao usar o termo *oure citee*, este engloba os peregrinos, que são a audiência imediata presente na narrativa, assim como a audiência que teria contato com a obra, inserindo a todos em uma comunidade imaginada e apresentada através de uma imagem, que se revela ao longo da narrativa.

Entendemos imagem aqui, partindo da discussão de Schmitt, como a noção mais ampla que abrange tanto os objetos figurados, como vitrais e miniaturas, quanto as imagens da linguagem, como as metáforas e alegorias, e ainda as imagens mentais, que

⁷ “Mas, pelo amor de Deus, não vamos deixar a coisa parar por aqui: se quiserem ouvir a mim, que sou um pobre coitado, eu também gostaria de contar a história de uma pequena peça que pregaram em nossa cidade.”

perpassam a memória (SCHMITT, 2002: 592). Neste caso, destacam-se as imagens da linguagem, pois é através do discurso sobre os ofícios que a cidade se corporifica na narrativa, e as imagens mentais, uma vez que é através da memória, em que se compartilha percepções e concepções de mundo, que se pode construir uma identidade cidadina.

Desse modo, a cidade, que se poderia considerar inacessível devido ao deslocamento que dela distancia os peregrinos, torna-se presente na narrativa, através do discurso, da sua imagem criada pelo discurso. Este mecanismo engloba a representação desses ofícios sob a forma de um corpo social, no qual cada um tem seu lugar, apresentando uns uma posição mais privilegiada que outros. O Outro se constitui, então, de uma categoria mais ampla, que expressa por diversas vezes antagonismos no interior do próprio ambiente citadino. Essa oposição, por sua vez, é geradora de conflitos. Logo, estes não poderiam estar ausentes na construção de uma identidade associada à cidade.

Sendo Londres uma cidade com intensa atividade portuária, grande era o número de homens cujos ofícios associavam-se ao comércio e a navegação, entre os quais se davam oposições. Além dos imprevistos trazidos pelo acaso, como as marés e outras intempéries climáticas, os mercadores deviam estar preparados, sobretudo, para os perigos representados por outros homens. Um deles era a pirataria, que já aparece na descrição do Mercador no Prólogo Geral, no qual se diz que “He wolde the see were kept for any thyng/ Bitwixe Middelburgh and Orewelle” (CHAUCER, 1988: 7)⁸.

Havia ainda o perigo representado pelos homens que trabalham nos navios; exemplo disso é o Homem do Mar, em cuja descrição dá-se a conhecer que roubava vinho enquanto os mercadores dormiam.

Ful many a draughte of wyn had he ydrawe
 Fro Burdeux-ward, whil that the chapman sleep.
 Of nyce conscience he took no keep (CHAUCER, 1988, p. 9)⁹.

Neste ponto, vê-se uma das primeiras oposições, uma vez que é o Homem do Mar a contar o conto no qual o mercador é enganado por sua esposa e um monge. Podemos pensar tal conflito com base no fato de que os carregamentos e todo o trabalho

⁸ “Achava que o trecho do mar entre Middelburg, na Holanda, e Orwell, na Inglaterra, devia ser protegido contra a pirataria a qualquer custo.”

⁹ “Toda vez que voltava de Bordéus, aproveitava as ocasiões em que o mercador dormia para surrupiar-lhe parte de seu vinho.”

mais pesado nos navios ficavam por conta daqueles, que ainda conheciam as técnicas para uma navegação segura, enquanto os significativos rendimentos provenientes da comercialização dos produtos carregados ficavam em mãos dos mercadores. Os *marineers* (marinheiros), por sua vez, procuravam tirar proveito do serviço prestado aos mercadores, acumulando, além de seu pagamento, os lucros dos produtos afanados em momentos de distração.

Comuns eram ainda os conflitos entre os ofícios ligados à alimentação. Devido à grande especialização nesse ramo, uns controlavam os outros a fim de que não se aventurassem na produção de alimentos fora de seu ofício. Além disso, essa limitação fazia necessário o fornecimento de diversos itens alimentares às estalagens, tavernas e hospedarias, que não tinham permissão para produzi-los autonomamente. Desse modo, havia um alto nível de dependência entre esses ofícios, gerando algumas tensões.

Exemplo disso é o antagonismo entre o Albergueiro e o Cozinheiro, que parece emergir da necessidade de suprimentos a serem fornecidos às hospedarias.

Now telle on, Roger; looke that it be good,
For many a paste hastow laten blood,
And many a Jakke of Dovere hastow sold
That hath been twies hoot and twies coold.
Of many pilgrim hastow Cristes curs,
For of thy percely yet they fare the wors,
That they han eten with thy stubble goos,
For in thy shoppe is many a flye loos (CHAUCER, 1988:68)¹⁰.

Possuindo uma hospedaria em uma das áreas mais frequentadas por peregrinos e viajantes, Southwark, Harry Baily, o Albergueiro, deveria preocupar-se com a alimentação oferecida aos mesmos, pois era a garantia de que voltariam a hospedar-se no Tabard. Deve-se lembrar ainda que ambos se conhecem pelo nome próprio, o que indica uma proximidade em sua relação, reiterando a ideia de que mantivessem relações comerciais, ligadas ao fornecimento de suprimentos alimentares.

No entanto, os conflitos entre os ofícios alimentares não eram os únicos. A fala do Albergueiro ao Cozinheiro atenta também para um problema enfrentado pelas autoridades da cidade, a venda de alimentos estragados, que se caracterizava como um

¹⁰ “Está bem, Roger, pode contar... desde que seja boa. Veja lá, porque você já serviu muito pastelão a sangrar de cru e já vendeu muita torta requentada, dessas que já estiveram duas vezes quentes e duas vezes frias. Muitos peregrinos já lhe lançaram a maldição de Cristo pelo mal que lhes fez a salsinha do seu ganso gordo, porque na sua cozinha há muita mosca voando solta”.

dos principais crimes que se procurava controlar. Havia diversos conflitos entre as autoridades e estes ofícios, devido à venda e à qualidade dos produtos oferecidos. Inúmeras eram as proclamações referentes ao controle da venda de alimentos, assim como as condenações pela a venda de alimentos estragados.

Thomas Lovelane, baker, attached to answer a charge brought by John de Briclesworth, the Common Serjeant, who prosecutes for the Commonalty, of having gone to the common market for corn on the pavement within Neugate on the previous day, and offered more than the price current for a bushel of corn, to the damage of the common people and the enhancement of the price of corn. (...) Therefore it is adjudged by the Mayor and Aldermen that he stand in the pillory for three hours in the day, and John de Hiltoft, one of the Sheriffs, is ordered to carry the judgment into execution (EXTRATOS DE FÓLIOS..., 1905: 169-178)¹¹.

Neste caso, o conflito deve-se ao preço indevido, fora daquele estabelecido previamente pelas autoridades, pago pela mercadoria. Thomas Lovelane é, então, condenado a passar três horas no pelourinho por ter comprado milho por um preço mais alto do que o regulamentado, o que prejudicaria os demais cidadãos, pois poderia levar o preço do milho a subir. As autoridades mantinham um severo controle sobre os preços dos produtos vendidos na cidade, a fim de garantir que nenhum cidadão se aproveitasse de sua função indevidamente. Desse modo, considerava-se que aquele que oferecia um valor mais alto para a compra de um produto também era culpado, pois sua atitude poderia levar o vendedor do mesmo a reivindicar um aumento em seu preço.

Estes casos ficavam registrados na memória dos cidadãos, assim como as nobres histórias que ouviam serem contadas. “Local experience of struggles and disputes became part of the memory and identity of local communities, at least for a while” (RUBIN, 2006: 405). Logo, pertencer a uma comunidade significava compartilhar o que era digno de guardar na memória, criando uma familiaridade entre os membros do

11 “Thomas Lovelane, padeiro, convocado a responder uma cobrança trazida por John de Briclesworth, o Common Serjeant, que indicia pela Commonalty, de ter ido ao mercado comprar milho no pavilhão de Newgate no dia anterior, e oferecido mais do que o preço estabelecido para um cesto de milho, para o prejuízo das pessoas e aumento do preço do milho. Tal Thomas diz não ser culpado, e se põe a disport, &c. E o ditto John fez o mesmo. Um juri deste pavilhão eleito e testado, viz., Peter Colbrok, Thomas Kynggesbrugge, William Bedell, Nicholas Braylles, William Randolf, Walter Raven, Philip le Chaundeler, William Lodelowe, William Dymnel, Walter de Keleshulle, John ‘Geldeford’, and Thomas Canoun, que diz ser o mesmo Thomas culpado. Portanto foi decidido pelo Mayor e pelos Aldermen que ele ficaria no pelourinho por três horas durante o dia, e John de Hiltoft, um dos Sheriffs, foi designado a executar a decisão.” (Tradução livre).

grupo. Esta familiaridade está presente na comitiva que narra as *Tales*, uma vez que ao longo de toda a narrativa dedicam-se a compartilhar histórias *worthy for to drawen to memorie*.

A identidade é, então, construída através da manutenção da memória individual e coletiva e através de um aspecto para nós fundamental, a oposição ao Outro, como aparece constantemente em *The Canterbury Tales*. No entanto, este Outro não se encontra apenas entre os que não estão na cidade. Os próprios peregrinos poderiam ser considerados como o Outro, uma vez que estão fora da cidade, mas, através da narrativa, criam um mecanismo que os integra à cidade, a identidade de seus ofícios.

A narrativa da peregrinação espelha o palco que é a cidade, refletindo as relações que aí se desdobram aos olhos de seus membros, que são ao mesmo tempo espectadores e atores desse jogo social. Embora difiram com relação ao seu estado e status, cada peregrino possui uma função no corpo que constitui a cidade. Ao lançá-los em peregrinação, Chaucer insere esta cidade no novo modelo de vida cristã, que, assim como a cidade, possui participantes ativos, tornando-a parte de um corpo ainda maior, aquele da Cristandade. Assim como Constância, a filha do imperador, por seu exemplo, inspira a expansão da fé cristã, Chaucer, através da narrativa, insere a cidade no maior dos Impérios.

Bibliografia

CHAUCER, Geoffrey. **Os Contos de Cantuária**. Paulo Vizioli (trad.). São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

CHAUCER, Geoffrey. **The Riverside Chaucer**. Larry D. Benson (ed.), 3^a ed., Oxford: Oxford University Press, 2008.

EDDEN, Valerie. Bible. In: ELLIS, Steve (ed.). **Chaucer: An Oxford Guide**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

EXTRATO DE 'FOLIOS CXXX - CXL: SEPT 1364 -', Calendar of letter-books of the city of London: G: 1352-1374, 1905, pp.169-178. URL: <http://www.british-history.ac.uk/report.aspx?compid=33504>. Date accessed: 13 January 2012.

RICHARDSON, J. S. Imperium Romanum: Empire and the Language of Power. In: **The Journal of Roman Studies** Vol. 81, pp.1-9, 1991. Acessado em <http://www.jstor.org/stable/300484> em 28/09/2013.

RUBIN, Miri. Identity. In: HORROX, Rosemary & ORMROD, W. Mark (Eds.). **A Social History of England 1200-1500**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SCHMITT, Jean-Claude. Imagem. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2002.

SWANSON, Robert. Social Structures. In: BROWN, Peter (Ed.). **A Companion to Chaucer**. Oxford: Blackwell, 2001.

WALLACE, David. Chaucer and the Absent City. In: HANAWALT, Barbara A. **Chaucer's England: Literature in Historical Context**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992.